

700907

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14055
Data 14 / 09 / 2009
() Compra (x) Doação () Permuta

Biblioteca - Unemat - PLA



00014055

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Fruição estética da leitura: um estudo de caso em Pontes e Lacerda-MT.

Andréia Justino de Araújo.

PONTES E LACERDA, MT.
2009/1

.028.4
A6638
ex.04

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
CURSO DE LETRAS

Fruição estética da leitura: um estudo de caso em Pontes e Lacerda-MT.

Andréia Justino de Araújo.

Monografia de conclusão de curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras, sob a orientação da professora Ms. Ana Maria Macedo.

PONTES E LACERDA, MT.
2009/1

Esta monografia foi apresentada perante a seguinte banca

Prof.^a. Ms Ana Maria Macedo
Orientadora

Prof.^o. Epaminondas
Banca Examinadora

Prof.^a. Dr.^a. Rosely Romanelli
Banca Examinadora

Dedico essa pesquisa a minha mãe, minha maior incentivadora que durante esses quatro anos esteve ao meu lado, me apoiando e não me deixando vacilar perante as dificuldades no decorrer do caminho.

Agradecimentos

Ao longo do período da graduação, muitas pessoas passaram por minha vida, deixando marcas e lições, proporcionando-me alegrias, conhecimento e crescimento pessoal. Neste momento, gostaria de agradecer-lhes, pois, de alguma forma, contribuíram para a conclusão desta etapa.

Agradeço esse trabalho primeiramente a Deus, por ter me dado à oportunidade de frequentar o curso de Letras, que me abençoou, iluminou que cuidou de mim, nas horas difíceis e nas horas boas, fazendo esta experiência um aprendizado espiritual de grande valia, pois sem Ele eu nada seria. “Só o Senhor é o caminho a verdade e a vida”.

A toda minha família que direta ou indiretamente contribuiu para a minha formação, pelo esforço, dedicação e compreensão dessa e de outras caminhadas, em especial a minha mãe Luiza, que nunca deixou que eu desistisse perante os obstáculos, que sempre me apoiou que compreendeu minhas omissões, compartilhou minhas lágrimas e sorrisos, ao meu pai Ormino e ao meu irmão Odilson, pois o amor e estímulo dado a mim foram às armas dessa vitória. E é claro que não ia esquecer de ti meu eterno irmão, obrigada por tudo o que fez por mim, em vida, pelo apoio por tudo...

Ao meu noivo pela compreensão, pela atenção e dedicação a mim, nunca deixou de me apoiar, e que sempre compartilhou comigo lágrimas e sorrisos.

Aos meus amigos, em especial, Flávia, Gerusa, Liomarques, Maria Elva, Raquel, que durante esses quatro anos estiveram ao meu lado, me ajudando sempre que precisei que compartilharam comigo tristezas, alegrias, companheiros em todas as horas.

A todos os meus colegas de classe, com os quais aprendi muito e foram parte importante dessa vitória.

Agradeço aos professores que tive durante toda a minha graduação, que contribuíram para a minha formação.

Agradeço imensamente a professora Ana Maria Macedo, minha orientadora que contribuiu para a realização deste trabalho pela atenção, dedicação e apoio dados a mim, pois, se não fossem o apoio e o incentivo dela, não teria chegado até aqui.

As palavras também podem ser objetos de fruição, se nos ligarmos a elas pela mesma razão que nos ligamos a um pôr-do-sol, a uma sonata, a um fruto: pelo puro prazer que nelas mora... Brinquedos, fins em si mesma, palavras que não são para ser entendidas, são comida para ser comida: o caminho da poesia. (Rubem Alves, 2001:27-28).

Resumo:

Este trabalho resulta de pesquisa encaminhada para realização do TCC (trabalho de conclusão de curso) em Letras, na Unemat, Campus Universitário de Pontes e Lacerda. Nesta pesquisa procuramos refletir sobre o trabalho da leitura de textos literários no ensino fundamental em uma escola do ensino público e ainda verificar se este trabalho que está sendo desenvolvido na escola contribui ou não para a fruição dos alunos, ou seja, se esta leitura contribui para que eles sintam o prazer de ler. Partimos da idéia de que para formar leitores literários, é importante mostrar que a leitura pode proporcionar momentos prazerosos pelo simples prazer de ler. Tentamos mostrar que um dos caminhos para que isso aconteça é a leitura por fruição.

Palavras-chave: Leitura, Textos literários, Fruição, Escola.

Sumário

Introdução.....9

1.Leitura.....11

2. Literatura na escola.....14

2.1 Fruição estética.....20

3. Análise de dados.....25

Considerações Finais.....30

Anexos.....31

Bibliografia.....39

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, enfocaremos especificamente a leitura como acesso ao prazer estético, verificando assim a importância que a leitura tem para a escola e se esta instituição contribui de alguma forma para proporcionar aos alunos momentos de leitura pelo prazer estético.

Para a realização desta pesquisa, utilizamos como apoio teórico os seguintes autores Antunes (2003) Kleiman (1995, 2004), Lajolo (1994,2001) Zilberman (1990, 2003) Silva (2003) entre outros, que contribuem desvelar alguns pontos apesar da complexidade do assunto que está sendo abordado. Antunes (2003) afirma que a leitura é “uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita”. Partindo da concepção da autora, percebemos que a leitura é de suma importância, pois através dela temos acesso às especificidades da escrita, tornando nos capazes de produzirmos nossos próprios conhecimentos.

Lajolo (2001) também esclarece que os textos literários não são passados para os alunos corretamente, pois os professores não fazem uma contextualização dos textos com os alunos, ou seja, as leituras realizadas são apenas, leituras fragmentadas, e isso não fará com que os alunos naveguem pela leitura, que vivam seu mundo de fantasias.

Na primeira parte, fazemos um breve comentário sobre a leitura, o que alguns autores pensam sobre esta, a forma que está sendo ensinada em sala de aula e qual a necessidade de ensinar a leitura para os alunos, visto que a leitura nem sempre é trabalhada para o aluno poder questionar sobre o lido, para deleitar-se com o que está acontecendo.

Na segunda parte, tratamos da literatura na escola, como essa literatura é utilizada e se através da mesma os alunos sentem um interesse maior pelas leituras literárias. Para isso, nos reportamos a algumas pesquisas já empreendidas no Brasil acerca da leitura literária nas escolas. Cunha desenvolveu uma pesquisa na década 70 e, posteriormente, em 80, orientou outra pesquisa sobre o assunto e constatou que as atitudes desenvolvidas na escola parecem não apontar para mudanças. Nessa mesma década, Vieira também realizou uma pesquisa no ensino de literatura no 2º grau, constatando que o ensino de literatura relegava a um segundo plano a dimensão estética do texto. Dando continuidades às pesquisas, Campos realiza, na década de 90, uma pesquisa nas escolas particulares de SP constando a mesma situação que Vieira

apresenta. Em seguida, apresentamos alguns conceitos de fruição começando pela definição encontrada no Houaiss. Partimos dessa definição para a análise de dados para verificar se em sala de aula é desenvolvido um trabalho que contribui para a fruição estética. Para a elaboração desta pesquisa partimos de observações realizadas em uma escola do ensino público na cidade de Pontes e Lacerda.

Após desenvolvimento da análise concluímos que o método de leituras usado pela escola provoca no aluno um distanciamento entre aluno e leitura.

1. LEITURA

A leitura é talvez o bem cultural mais respeitado e cultuado pela sociedade atual, sendo que até mesmo os que não leem veem-na como possibilidade de crescimento pessoal e intelectual, tornando muito grande seu valor simbólico. Isso coloca a leitura como foco de pesquisas e discussões diversas que discutem os aspectos cognitivos nela envolvidos, envolvimento dos leitores no ato de ler, estratégias de leituras entre outras possibilidades. Entre os autores brasileiros que discutem a leitura estão Antunes (2003) Kleiman (1995, 2004), Lajolo (1994, 2001) Zilberman (1990) Silva (2003), entre outros os que aponta para a amplitude e complexidade do assunto em questão.

Falar de leitura exige, portanto, esclarecimento do que entendemos por leitura e que aspectos serão explorados por nós. Nessa pesquisa, partimos dos estudos de Antunes (2003, p.70) que, ao discutir leitura, apresenta-a como “uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita”, sendo que enfocaremos especificamente a leitura como acesso ao prazer estético, para verificar até que ponto essa especificidade é considerada importante nas escolas e se é feito algum trabalho que leve o aluno à fruição. Partimos do pressuposto de que, apesar da inegável vantagem da exploração da leitura considerando sua função pragmática, a função de sensibilização deve fazer parte do trabalho na escola e ainda que “essa aura de utilitarismo que depositamos sobre a leitura não pode ser extensiva aos textos literários que não são produzidos para este fim” (Neitzel e Duarte, 2007).

Antunes (2007) apresenta ainda a necessidade da interlocução/interação entre escrita e leitura, professor e aluno no ambiente escolar e propõe várias atividades ligadas à educação que levam o professor a repensar o seu ensino, e ainda cria alguns passos pertinentes para a exploração desta ação entre escrita e leitura. Mostra, ainda, que a interação é a fundamentação da leitura como uma das formas necessárias na formação do conhecimento. Assim, a autora afirma que o objetivo de uma aula de português “é ampliar a competência do aluno para o exercício cada vez mais pleno, mais fluente e interessante da fala e da escrita, incluindo, evidentemente, a escuta e a leitura”. (2003 p. 110) A partir desta noção, tanto o professor quanto o aluno estarão mais envolvidos com a produção de conhecimento e, nesse processo em que se valorizam os dois lados, o ensino só tende a ser produtivo.

Segundo a autora, a leitura enquanto processo interativo não pode ser vista como uma mera decodificação de sinais gráficos, que por si só não representariam muita coisa. A leitura deve completar a produção escrita, na medida em que ela deve associar a percepção sensitiva da realidade à representação gráfica dos signos, preenchendo a lacuna dos sinais gráficos pela experiência, pois o texto não mostra tudo, mas algumas coisas no ato da leitura são pressupostas pelas nossas experiências.

A leitura se mostra como uma atividade, portanto como produtora de conhecimento, porque o leitor interage e expande as idéias mostradas pelo autor. Garante a formação de nosso “arquivo pessoal” de informações, introduzindo no leitor noções, conceitos, idéias, dados, criando no leitor uma nova visão de vida a partir de novas formas de perceber esse repertório de informações adquiridas. Assim, pode facilitar uma compreensão da disciplina de geografia ou história se o aluno já tiver um repertório próximo ao texto, trazido em revistas, jornais etc.

É no ato de ler que conhecemos os diferentes gêneros de escrita: conto, romance, poesia, entre outros e, ao mesmo tempo dominamos o usos de recursos lingüísticos como, por exemplo, pronomes de tratamento, tempos verbais, ordem sintática. Ao dominar a linguagem formal de um lugar social específico, logo somos inseridos nesse espaço. A leitura garante, assim, um grande poder também de inserção social, pois, dominando os signos desses rituais, dessas convenções através da leitura e de seu arquivo, pode-se facilitar a inserção do leitor em outro mundo.

Segundo Britto (1999), nem todo mundo que sabe ler é leitor, pois se assim o fosse consideraria que formar leitor é ensinar a ler, mas ser leitor significa muito mais do que enunciar em voz alta ou em silêncio linha corridas de um texto. Ser leitor é muito mais do que decodificar os sinais grafados. É compreender todos os sentidos presentes no texto, é ler para informar-se, ler para ter prazer, ler para ter conhecimento de mundo, para ser crítico, ou seja, o leitor lê porque encontra na leitura prazer e entretenimento. O leitor, diante de um texto pode viajar e se encantar, pode ver no mesmo a possibilidade de fugir da realidade por alguns instantes.

Percebe-se, então, que o sujeito leitor tem que, acima de tudo, ser um leitor fiel e responsável, ser um leitor que não esteja apenas cumprindo uma obrigação e muito menos ser um leitor aprendiz, que só considera a leitura como algo didático. Portanto, a educação escolar deve lidar com a leitura, com a finalidade de esta ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela será fonte perene de educação, com ou sem escola. Através da leitura as pessoas se transformam em cidadãos críticos e

conhecedores do mundo em que vivem, uma vez que ela estimula a reflexão e é capaz de melhorar a capacidade de imaginação, reforçando também as habilidades de expressões, melhorando e fazendo fruir novas idéias.

2. A LITERATURA NA ESCOLA

As dificuldades em leitura ainda são enigma para muitos pais e para muitos profissionais da área de educação. O que se percebe é que muitos professores ainda sentem dificuldades de conduzir o aluno no que diz respeito à identificação e tratamento das dificuldades de leitura. Enquanto os envolvidos no processo escolar não atentarem para a necessidade de desenvolver um trabalho voltado para a compreensão da sociedade da qual todos nós fazemos parte, a leitura não passará de algo puramente técnico. Cabe aos envolvidos no processo o comprometimento com o que desejam construir com os alunos e o que realmente querem que estes sejam capazes de desenvolver.

Mas, se por um lado, o desinteresse pela leitura causa desconforto e leva muitos professores a reclamar, por outro, parece não haver muitas atitudes que apontam para mudanças. Numa pesquisa na década de 70, Cunha (2003) constatou que a leitura está entre as últimas posições entre as opções de lazer entre os alunos, que estes preferem revistas a livros, mesmo os de bom nível econômico não têm biblioteca em casa, os professores não mandam com frequência os alunos a ler e, por fim, que o professor é que determina o que o aluno vai ler, para, depois, avaliar de alguma forma. Na década de 80, outra pesquisa foi feita sob sua orientação e não se percebeu melhoras significativas. A autora atribui tudo isso a um esquema rígido e inadequado de utilização do livro, com poucos investimentos nas escolas, dificultando, assim, a aquisição e diversificação de obras; televisão, cinema, rádio e revistas representam opção própria e não derivarão cobranças depois, por isso respondem mais às necessidades dos alunos.

Ainda na década de 80, Bordini (apud Campos, 1999, p. 23-6) pesquisou o ensino de literatura, quando se constatou uma contradição, uma vez que os objetivos apresentados pelos professores, era entre outros, formar hábitos de leitura, mas na prática se desviavam do texto literário, ou trabalhavam apenas com fragmentos no livro didático ou em folhas separadas. A pesquisadora observou, ainda, outros fatores de dificuldade no trabalho com leitura literária, como, por exemplo, desconhecimento do professor sobre a abordagem do texto literário, concepção de leitura que vê o texto como repositório de idéias verdadeiras e indiscutíveis e concluiu que “uma das razões

de a literatura ser nacionalmente pouco apreciada era o fato de, através dela, se exercer uma ditadura de formas mecânicas, sem criação literária”.

Na mesma década, Vieira (1989, p. 25-7) empreendeu uma pesquisa sobre o ensino de literatura no 2º grau e verificou que o ensino de literatura relegava a um segundo plano a dimensão estética do texto ao privilegiar a transmissão de valores culturais, sociais e éticos. Quanto ao material usado, constatou que há uma dependência total dos livros didáticos, que acabam por se tornar o plano de curso do professor: “sem tempo para preparar suas aulas ou, em alguns casos, sem saber como prepará-las, a maioria dos professores encontra no livro didático não um recurso, mas antes, um condutor de suas aulas e cursos” (Vieira, 1989, p.31).

Na década de 90, Campos (1999, p. 58-63) realiza uma pesquisa nas escolas particulares de SP reafirma a mesma contradição já apontada por Vieira, ou seja, os professores concebem a literatura de uma forma e ensinam de outra, “em geral os professores adotam uma visão pragmática da literatura e privilegiam os conhecimentos sobre ela, utilizando-a como meio para facilitar o ingresso na universidade, mas, contraditoriamente, afirmam sua autonomia.” (p. 61). É apontado ainda pela pesquisadora o engessamento da literatura pelo cânone. A autora conclui que a pesquisa “mostra o aproveitamento de partes de teorias, nem sempre compatíveis, ao invés de uma teoria da leitura do texto literário e da aprendizagem que balizem o trabalho de leitura na sala de aula” (p. 66).

Tudo isso aponta o tratamento um tanto ineficaz que o texto literário recebe em sala de aula, e o pragmatismo, em vários momentos, é apontado como uma razão para essa ineficácia. E é justamente em nome das necessidades práticas do cotidiano que a leitura, mesmo a literária, vai sendo usada para fins diversos, com exercícios que privilegiam aspectos gramaticais. Ou com perguntas como “o que o autor queria dizer?”, como lembra Alves (2004):

Toda interpretação começa com essa pergunta. É a pergunta que surge numa zona de obscuridade: há sombras no texto. O intérprete é um ser luminoso. Não suporta sombras. Ele traz suas lanternas, suas idéias claras e distintas, e trata de iluminar os bosques sombrios... Não percebe que, ao tentar iluminar os bosques, dele fogem as criaturas encantadas que habitam as sombras.

E assim fazendo, a escola deixa de trabalhar a leitura pelo simples prazer de ler, para admirar, ou nas palavras de Antunes (2007, p. 71), “para deleitar-se com as idéias,

com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literariamente as coisas. Sem cobrança, sem qualquer prestação de contas posterior". É importante que todos tenham em mente que o aluno deve

A partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu leitor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1982 p.52. Geraldí, 1999, p.91).

Para Lajolo (1994), a grande importância que a leitura tem para nós e nossos alunos é que se aprende a ler à medida que se vive. A autora mostra que ler livros se aprende por aí, ou seja, em contato com o mundo podemos entender a leitura e crescermos através da mesma. Se, porém, a leitura, de um modo geral, mostra-se problemática na escola, a leitura literária pode acabar sendo negligenciada por não ter um cunho pragmático. Mas a autora defende que a leitura literária na escola é de suma importância e cita, em seu livro, um fragmento do livro de Barthes ao iniciar seu texto.

Se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, 1980, p18).

Barthes apresenta a disciplina de literatura como a única que não poderia estar ausente das escolas e lembra seu papel formador. A literatura faz-se então multidisciplinar, ou seja, ultrapassa a barreira de todas as disciplinas, tornando-se efetivamente fonte de prazer e de sabedoria, além de trabalhar a emoção e o sentimento humano.

Segundo Lajolo (1994), os textos literários não são passados aos alunos corretamente, pois os professores não fazem uma contextualização dos textos com os alunos, ou seja, as leituras feitas são leituras fragmentadas, isso faz com que os alunos fiquem dispersos e que não sintam o gosto, o prazer pela leitura. Percebemos com isso que a leitura com a finalidade de distração é realizada quando o leitor deseja sair da realidade por alguns instantes, esta por sua vez é muito pouco realizada nas escolas,

regidas pela lógica dos vestibulares ou pela organização do livro didático, que, por sua vez, faz jus às críticas recebidas.

Segundo Souza (1992), ler é uma forma de compreensão da realidade, ler é interpretar, levando em consideração o contexto de escrita, ou seja, para que haja uma boa interpretação do que foi lido é necessário, primeiramente, que se saiba o contexto em que fora escrito para, posteriormente, se fazer uma relação. Freire (1986), em seu livro "A importância do ato de ler" afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, ou seja, a leitura da palavra deve ser lida e entendida levando-se em consideração o contexto em que está inserida.

Para Vieira (1989, p. 1) "atividade artística, forma de expressão, a literatura integra, tradicionalmente, os currículos das escolas e torna-se matéria de ensino obrigatório no curso secundário". Percebemos, contudo, que essa obrigatoriedade não tem resultado em um trabalho efetivo de formação de leitor literário, por motivos já expostos. A escola deveria incentivar a leitura de textos literários não apenas por obrigação, mas sim como forma de estimular o prazer estético e o conhecimento. Para isso, a escola deveria de propor maneiras diferentes de leitura com os alunos, fazendo com que saiam do mundo em que vivem, e que naveguem no mundo dos textos literários, vivam o que estão lendo. Mas nem sempre é isso que se vê nas escolas.

Geradora de descobertas lingüísticas, de realidades situadas em tempos e espaços diferentes, de valores sociais e éticos, ou instrumento de fruição estética, a leitura, entretanto, parece ocupar uma parcela mínima do tempo de adolescentes e adultos. (Vieira, 1989 p.7).

O trabalho com a leitura literária tem se mostrado inadequado fazendo com que os alunos percam mais ainda a vontade de ler e se frustrem. Afinal a leitura é algo individual não apenas pela questão do gosto, mas também porque cada um lê de um jeito. Além disso, a escola está apenas fazendo com que os alunos lêem por ler, não os tornando leitores críticos, os mesmos não têm a oportunidade de expressar sua opinião sobre o que fora lido e não tem sequer o direito de escolher o título normalmente imposto pelo professor.

Observamos nas pesquisas anteriormente citadas que se as estratégias de trabalho correspondessem aos objetivos apresentados pelos professores, não haveria

essa ausência de leitura na escola, e essa discrepância entre objetivos e estratégia leva a escola a não alcançar o objetivo de formar leitor. Desse modo, é necessário que tanto a escola como os professores percebam que para formar alunos leitores é preciso ter tempo para que não só se faça a leitura, mas também que através dela o aluno perceba os significados que existem na mesma, é relevante também que os professores se sintam motivados para tal ação.

Escola e leitura, historicamente, sempre caminharam de mãos dadas. Desde suas origens mais remotas, expressando diversidade de concepções, o objetivo fundamental da escola é ensinar a ler e a escrever, seja para preparar um escriba, educar um efebo, formar um prelado ou instruir um jovem do século XX. (Vieira, 1989 p.11).

A autora ainda mostra que outro aspecto considerado para a formação de leitores “é o convívio intenso da criança com livros e leitores” (p.9). Para a autora, se o leitor desde criança tem um contato com a leitura, juntamente com seus pais, terá mais facilidade em adquirir o prazer pela leitura, tornando-o um sujeito crítico já os leitores privados do contato com o livro terá mais dificuldade em desenvolver uma boa leitura.

A criança que toma contato com o livro pela primeira vez quando entra na escola costuma associar a leitura com a situação escolar, principalmente se não há leitura no meio familiar. Se o trabalho escolar é difícil e pouco compensador, a criança pode adquirir aversão pela leitura e abandoná-la completamente quando deixar a escola. É conveniente então que o livro entre para a vida da criança antes da idade escolar e passe a fazer parte de seus brinquedos e atividades cotidianas. (Barker e Escarpit, 1975 p.122).

Segundo Antunes (2003), “o gosto e o encantamento por esta função poética dos textos literários, como todos os outros gostos e encantamentos, precisam ser cultivados, estimulados” (p.72). No entanto, o texto literário deve ser analisado por todos, principalmente pelo professor, que deve respeitar o que o aluno está propondo e tentar interagir com o mesmo, estabelecendo assim um diálogo entre professor e aluno. O professor deve tentar transformar a aula de leitura de textos literários em algo

dinâmico e considerar que vida afora, o leitor de obras literárias o fará apenas por lazer e não para se instruir ou para responder questionário depois.

2.1 FRUIÇÃO

As palavras também podem ser objetos de fruição, se nos ligarmos a elas pela mesma razão que nos ligamos a um pôr-do-sol, a uma sonata, a um fruto: pelo puro prazer que nelas mora... Brinquedos, fins em si mesma, palavras que não são para ser entendidas, são comida para ser comida: o caminho da poesia. (Rubem Alves, 2001:27-28).

Como Rubem Alves (2004) nos mostra as palavras também podem ser tornar objetos de fruição se nós leitores nos atentarmos a ela da mesma forma que nos atentamos para ouvir uma música bonita ou até mesmo para ver o pôr-do-sol. Mas o que vem a ser fruição? Aparece no Houaiss, como terceira acepção de fruição que é “ato de aproveitar satisfatória e prazerosamente alguma coisa” a abonação que aparece - “era dado à fruição da literatura e das artes” – relaciona-se justamente a literatura e à arte. Fruição está etimologicamente relacionado a gozo, prazer.

Partindo desse princípio, focalizaremos a fruição estética, buscando empreender uma pesquisa para verificar se, em sala de aula os professores respeitam as especificidades do texto literário, proporcionando aos alunos momentos de leitura pelo simples prazer de ler, para o deleite, ou se o texto literário é usado apenas como uma mera decodificação de palavras. Compartilhamos a idéia de que a leitura é um ato interativo e de compreensão de mundo, e perseguimos a idéia de que a leitura literária em sala de aula deve favorecer o prazer e a fruição estética. E, como nos lembra Antunes (2007, p. 72), “o gosto e o encantamento por esta função poética dos textos literários, como todos os outros gostos e encantamentos, precisam ser cultivados, estimulados, exercitados”.

Diante disso, percebemos que através da leitura pode se manifestar o gozo estético, sentir-se bem ao ver em palavras bonitas, um estilo próprio, uma atividade “lúdica” no sentido de fruição do saber como sabor que etimologicamente vem de sapien (grego) e nesse sentido a atividade poética pode ser uma manifestação disso.

A questão é? Será que temos feito o bastante para estimular nosso aluno ao gozo estético? A esse prazer pela leitura?

Como a cultura ocidental perdeu a preocupação com a formação do homem na sua totalidade, ocupando-se prioritariamente com a especialização, a especificidade dos conteúdos, a literatura enquanto educação estética distanciou-se dos currículos escolares, ou seja, o interesse de alguns educadores na escola é de apenas cumprir sua obrigação, ou seja, sua carga horária não se importando em interagir-se bem com seus alunos, e ainda não trabalha com o texto literário de forma a cultivar nos alunos a fruição, o prazer estético pela leitura.

Para tanto, podemos lembrar alguns aspectos relevantes elencados por Pennac (1998) no que diz respeito aos direitos do leitor. Para ele, o leitor possui direitos imprescritíveis, dentre eles:

1. O direito de não ler;
2. O direito de pular páginas;
3. O direito de não terminar um livro;
4. O direito de reler;
5. O direito de ler qualquer coisa;
6. O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível);
7. O direito de ler em qualquer lugar;
8. O direito de ler uma frase aqui e outra ali;
9. O direito de ler em voz alta;
10. O direito de calar.

A forma de equacionar os direitos do leitor e o trabalho com o texto literário nas escolas ainda não está sendo nem tentada, a acreditar no que mostram as pesquisas. A começar, para fazer prova ou apresentar um seminário não há necessidade de ler um livro, basta o resumo. Além disso, em caso de prova, todos os alunos devem ler o que foi imposto pelo professor, logo, não podem parar quando quiserem, nem de ler qualquer coisa ou parar onde quiser ou calar diante do texto. Isso significa que, por desconsiderar as especificidades do leitor literário comum, as escolas acabam por afastar os alunos da literatura.

Se hoje os professores do ensino público trabalhassem de uma maneira diferente com seus alunos os textos literários, considerando esses direitos elencados por Pennac, talvez muitos conseguiriam estabelecer um contato mais íntimo com o texto, podendo mesmo atingir o prazer estético pela leitura.

Notamos então que o professor deve ser acima de tudo um grande mediador para com seus alunos, estimulando o prazer, com isso o educador deve então proporcionar momentos de leitura com seus alunos, para que os mesmos sintam envolvidos com os textos literários.

Segundo Vieira (1989 p.13), se o educador influencia seus alunos de forma positiva o mesmo terá bons resultados em seu ensino, pois o aluno terá um grande desempenho em relação aos textos literários e a literatura em geral, o aluno poderá ver que o professor realmente se interessa pela leitura.

Pensando assim, os textos literários tornam-se intimamente prazerosos, isso significa que o educador deve estar sempre atento, até mesmo para não se tornar imperioso demais com seus alunos. Trabalhando assim, o educador terá mais facilidade de desenvolver um bom trabalho com os alunos, estimulando nestes o prazer a fruição.

Partindo desse princípio, percebermos que para formar bons leitores hoje, é imprescindível mostrar a ele a beleza da leitura. Quem quer despertar nos alunos o prazer de ler, deve considerar o enredo, pois “o enredo enreda o leitor” (Geraldí, 2004, p. 60). O autor apresenta uma proposta interessante para esse trabalho. Para ele, deve incentivar o gosto pela leitura e não a análise literária. Para isso, deve-se criar um circuito de leitura, reservar uma aula semanal para os alunos lerem qualquer obra escolhida por eles. Nesse trabalho, podem parar quando quiser. O professor apenas anotará quando o aluno trocar de livro ou terminar. Para o autor, “é preferível até que um aluno diga ao professor que terminou de ler um romance que não tenha lido, do que o professor ‘cobrar’ tal leitura” (idem, p.61) e acrescenta também que “importa que o aluno adquira o gosto de ler pelo prazer de ler e não em razão de cobranças [...] é preferível que um ou outro nos ‘logre’ dizendo que leu o que não leu, a estabelecer critérios rígidos de leitura” (p.63). A leitura não deve ser uma obrigação, e um dos caminhos para que isso aconteça é a leitura por fruição, sem que o aluno tenha que devolver a escola o produto do seu prazer, nas palavras do autor.

Cabe, pois, ao professor (leitor) proporcionar aos alunos diversas oportunidades para que todos descubram que ler é uma prática muito interessante, que a leitura nos proporciona prazer, liberdade, conhecimento.

Segundo Antunes (2003), em relação à leitura pode-se apontar uma série de implicações pedagógicas uma delas é a leitura por “pura curtição”, no qual esse aluno seja estimulado ao extremo a leituras gratuitas, para com isso deleitar-se na mesma.

Uma leitura também por “pura curtição” – Que seja estimulado (com muitíssima frequência) o exercício da leitura gratuita, da leitura do texto poético, sem qualquer tipo de cobrança posterior, suscitando assim a leitura pelo simples prazer que provoca (para isto, selecionar textos que, de fato, possam provocar prazer estético). (p.83).

Podemos então nos atentar mais ainda sobre essa questão de leitura, nos lembrando de um texto inventado pelo escritor Luiz Fernando Veríssimo, intitulado com “Fobias”.

Não sei como se chamaria o medo de não ter o que ler. Existem as conhecidas claustrofobias (medos de lugares fechados), agorafobia (medos de espaços abertos), acrofobia (medo de altura), collorofobia (medo do que ele pode nos aprontar agora), e as menos conhecidas ailurofobia (medo de gatos), iatrofobia (medo de médicos), e até treiskaidekafobia (medo do numero treze), mas o medo de estar, por exemplo, num quarto de hotel, com insônia, sem nada pra ler não sei o nome que tem. É uma das minhas neuroses (...) Já sai da cama de hotel no meio da noite e entrei no banheiro para ver se as torneiras tinham “Frio” e “Quente” escrito por extenso, para saciar minha sede de letras (...). (Texto completo em anexo)

O texto de Luiz Fernando Veríssimo, nos mostra as várias formas de leituras que cada leitor tem, ou seja, assinala os rituais de leituras que envolvem cada um de nós, no qual cada leitor tem os seus hábitos e seus costumes com a interação da leitura.

Necessitamos então que os professores elaborem maneiras dinâmicas de como ensinar a leitura para seus alunos de forma a levá-los os a ler por fruição, por prazer, para deleitar-se com a leitura em si, sair do seu real, viverem novas imaginações, pois é através desta a leitura que se formarão cidadãos capazes de conhecer seus direitos e deveres, expressando assim suas idéias e seus pensamentos de forma crítica e constitutiva ou ainda que terão uma opção a mais de lazer quando saírem da escola, forma barata, que pode ser deixada para todos os descendentes.

(...) A sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. (ZILBERMAN, 2003 P.16).

Como nos mostra Zilberman (2003) a sala de aula é um lugar privilegiado para desenvolver nos alunos o prazer pela leitura, visto que a literatura tem sua importância no âmbito escolar devido ao fornecimento de condições que propicia à criança em formação. Essa literatura é um fenômeno de criatividade, aprendizagem e prazer, que representa o mundo e a vida através das palavras, é um processo de contínuo prazer, que ajuda na formação de um ser pensante, e crítico que, ao entrar nesse processo prazeroso, se delicia com histórias e textos diversos, contribuindo assim para a construção do conhecimento e suscitando o imaginário, fazendo suscitar neste a auto fruição, o prazer ao ler.

3. ANÁLISE DE DADOS

Para a realização desta pesquisa, foi feita uma observação em uma das escolas públicas de Pontes e Lacerda-MT, tendo como público alvo alunos das 6ª séries “C” e “D”, com aproximadamente 30 alunos em cada. Nesse período observei 20 horas aulas, divida em 10 horas aulas para cada 6ª série, no período vespertino nos dias 08/04-09/07-15/04-16/04-24/04 na 6ª série C, e nos dias 07/04-14/04-17/04-23/04 e 05/05 nas 6ª série D, sendo duas aulas por dia. Nosso objetivo era verificar em sala de aula, se os professores respeitam as especificidades do texto literário, proporcionando aos alunos momentos de leitura pelo prazer estético, ou se os textos literários serviam apenas como decodificação das palavras.

O material usado pela professora para o trabalho com os alunos foi o livro didático, “Português Linguagens” (2006) de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, um livro que traz vários assuntos tais como: textos diversificados que apresentam discursos e imagens veiculadas com o poder de representar, os textos representam o mundo da fantasia, da infância da pré adolescência, principalmente do posicionamento cidadão e valores sociais. Cada capítulo do livro apresenta um texto principal para representar a temática a ser trabalhada nos demais textos com os quais esse texto principal está interligado. Um texto relacionar-se com o outro é uma estratégia interessante, pois estes textos que seguem ao texto principal também implicam na elaboração e explicações da temática de cada capítulo para a realização das atividades.

No decorrer das aulas, a docente adotou a mesma sequência didática nas duas turmas, ou seja, seguiu literalmente o que constava no livro adotado por ela. No período observado, os alunos só leram textos do livro didático e o encaminhamento da leitura aconteceu da seguinte forma: cada aluno lia um determinado parágrafo, de acordo com a indicação da professora, o que deixava os alunos perdidos e não envolvidos com a leitura, pois a professora se preocupava apenas com a oralização, a leitura em voz alta, e isso na maioria das vezes fazia com que os alunos ficassem constrangidos e até mesmo tímidos diante dos textos. Há que se lembrar que no momento da oralização, os alunos têm a preocupação com a pronúncia correta e com a pontuação o que acaba por dificultar a compreensão do que estão lendo. Em decorrência disso, os alunos, ao lerem um texto literário, em sua maioria, não tinham o hábito de desenvolver nenhuma

criticidade e assumiam uma postura estática diante do texto, ou seja, não duvidam, não questionavam, não dialogavam com o texto.

Os textos trabalhados foram “As asas de Icaro” (1), “O mito de Orfeu” (2), “O mito de Narciso” (3), “A noite das confusões” (4), seguem em anexo com as respectivas atividades.

Os textos tratavam de temas relacionados com a mitologia grega, temas que poderiam instigar nos alunos a vontade de conhecer um pouco mais. No entanto não era isso que acontecia, pois a maneira com que a professora trabalhava os textos literários com os alunos não os ajudava muito a se interessarem pela leitura nem pelas atividades propostas. As leituras eram feitas seguindo uma única estratégia: a oralização e, posteriormente, a oralidade. A docente discutia com os alunos, e isso não surtia efeito, pois os mesmos ficavam conversando, olhando de um lado para o outro, eles não mostravam resistência na hora de responder as perguntas, no entanto a leitura como fonte de prazer não era alcançada.

Dessa maneira, as leituras realizadas não contribuíam para a fruição dos alunos, ou seja, poderia ter usado dinâmicas com os alunos, ter pedido a eles que fizessem outra leitura do texto e também que eles se colocassem no lugar dos personagens, incentivando-os assim ao ato de ler por prazer, pelo gozo estético, visto que a escola poderia elaborar projetos junto com os alunos sobre leituras de textos literários.

Na 6ª série D, havia um aluno que quase não conversava e também que não lia em voz alta em sala de aula. Achemos que seria pertinente uma conversa informal com o aluno para verificar se a estratégia de leitura desenvolvida pela professora influenciava aquele comportamento. Conversando com ele, percebemos que o mesmo era gago. Perguntamos, então, por que ele não gostava de participar das aulas e ele respondeu, com dificuldade, que não participava, não porque não gostava, mas sim porque ele tinha vergonha de ler em voz alta, visto que ele gaguejava. Disse, ainda, que, quando ele queria ler, lia somente para a professora poder avaliá-lo, mas que gostava muito ler e sempre ia para a biblioteca fazer suas leituras favoritas, não por que a professora mandava, mas porque ele gostava. Ainda disse que tinha uma imensa vontade de participar das leituras em sala junto com os alunos, mas ficava constrangido e tímido perante seus colegas.

A professora age da forma criticada por Antunes (2003), quando deixa claro que o trabalho com a leitura ainda está centrado em habilidades mecânicas de decodificação da escrita, muitas vezes sem reflexão, sem diálogo com o texto.

Quando a leitura é utilizada, serve de pretexto para atividade metalingüísticas ou finalidades meramente avaliativas. Foi com essa realidade apontada pela autora que nos deparamos no período de observação, ou seja, o trabalho da leitura sendo usado somente para a decodificação da escrita essa falta de reflexão e de diálogo com o texto.

Através das atividades propostas pelo livro didático seria possível envolver os alunos na leitura dos textos. Na primeira atividade relacionada ao texto (1) constava a seguinte questão: “Dédalo e o filho estão presos no labirinto da ilha de Creta. O motivo pelo qual estão na prisão é explicado por outra história, conte-a para os colegas, respondendo a estas perguntas:”.

(a) O que era o minotauro e aonde ele vivia? (b) Qual a relação de Dédalo com o labirinto? (c) Quem matou o minotauro como? (d) Como com a ajuda de quem essa personagem conseguiu sair do labirinto.

As atividades do texto poderiam ter sido satisfatória para os alunos se a professora tivesse deixado fruir nos alunos o que pedia o exercício, deixando-os contar a história. Os alunos mostraram-se ansiosos por fazer a atividade proposta e perguntaram se poderiam contar história, porém a professora disse para deixar para outro dia, pois, se fizessem aquela atividade não daria tempo, então deixariam para outra aula, o que acabou não acontecendo no período observado.

A educadora poderia ter aproveitado esse momento de interesse que os alunos tiveram e proporcionado um espaço para que eles contassem suas histórias, se deleitassem com cada uma delas. Como afirma Zilberman (2003), a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura (...).

No decorrer da observação constatamos que todos os outros textos foram trabalhados da mesma forma, sem ser explorado, dialogado. As atividades propostas aos alunos eram as do livro didático seguidas de correção no quadro com a resposta sugerida pelo livro do professor.

Os textos trabalhados em sala no período observado traziam sempre algo relacionado à realidade do aluno e ao mundo em que vivem. Uma das atividades a partir de um texto na parte “Trocando idéias” trazia o seguinte exercício.

1) Quando vê o pai fazendo um par de asas, Icaro pergunta-lhe se aquilo era uma fantasia. E o pai, com ar sonhador, responde:

“-Tudo começa pela fantasia, meu filho...”. Você acha importante o ser humano fantasiar, sonhar? Por quê?

2) Na busca de fortes emoções ou da sensação de liberdade, muitas pessoas, principalmente os jovens, arriscam-se em situações de perigo e, às vezes, como Icaro, perdem a própria vida. Que situações você conhece, no mundo de hoje, nas quais a busca irresponsável de emoções pode custar à própria vida?

Novamente a docente pulou essas duas atividades, e novamente os alunos questionaram-na sobre a razão disso e afirmaram que iriam fazer, pois sabiam como fazer. Ela respondeu que tinham que passar para o próximo conteúdo, pois já haviam perdido muito tempo. Em nenhum momento foi percebido interesse pelas propostas feitas pelos alunos, quando eles se mostravam motivados pelas questões relativas ao texto e isso dificultava, cada vez mais, a vontade dos alunos expor suas idéias de fazerem leituras diferentes dos textos, pois eram barrados. Diante disso, os alunos deixavam de lado o já pouco interesse que tinham pela leitura, e acreditamos que a forma de trabalho era um determinante para isso, pois a leitura era transformada apenas em conteúdo didático, trabalho escolar, um produto que deveria ser avaliado e quantificado. A sala de aula não foi transformada “num espaço de leitura e escuta de textos literários, uma atividade que não pode ser fortuita, episódica, mas contínua visando à apreciação e sensibilização do ser pelo texto literário”. (Neitzel, 2006).

Se o educador conduz a turma a reflexões, estas podem instigar os alunos à participação que, por sua vez, pode conduzir a um diálogo com o próprio texto, permitindo que perguntas e respostas possam ser pesquisadas nas entrelinhas.

Percebemos então que ao invés de o aluno se sentir inquieto, querendo saber mais e percebendo que pode mudar de opinião, ele se reveste é de outro tipo de reação. Normalmente, contra certos hábitos cristalizados do tipo: tempo fixado para leitura e para a realização das atividades propostas. Dessa forma não teria como o aluno na sala de aula se interessar pela leitura como fonte perene de prazer, visto que o mesmo fica impossibilitado de expor suas próprias opiniões sobre os textos abordados.

Observamos desta forma, o distanciamento que algumas estratégias de ensino provoca no aluno, ou seja, ao invés desta proporcionar prazer e uma futura opção de lazer, pode causar desprazer, já que não há uma interação entre o aluno e o texto literário. A falta de exploração do texto e de tempo para aluno entender a linguagem do texto, pode levá-lo ter dificuldade de interpretar o que é encontrado e levá-lo a se distanciar do texto literário, além de, na sala de aula, ficar na mesmice, da interpretação que o professor faz sem originar um diálogo com o próprio texto.

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que delas se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. (LAJOLO, 2001p. 44).

Vimos que estes alunos têm o contato com um ensino simplificado e fragmentado. Sendo-lhes negada a fonte, portanto, ficando impossibilitados de produzir o seu próprio conhecimento.

Assim percebemos que a leitura não é trabalhada como se deveria ser pelo simples prazer de ler, pelo deleite, ou seja, em função de estimular prazer pelo que está lendo, mas sim como uma mera decodificação e até mesmo por obrigação.

Considerações Finais

Após fazermos as observações, constatamos que a realização das leituras (pelo menos com essas duas turmas observadas) não foram realizadas de maneira prazerosa, pois a leitura não era apresentada pela escola de uma maneira motivadora, ao invés de instigar o desejo dos alunos pela leitura, faz com que os mesmos se sintam desmotivados.

Concordamos com Antunes (2003) e Britto (1999) quando afirmam que a leitura não deve ser vista apenas como um ato de decodificação, mas sim como deleite, como instrumento de aprendizagem que envolvem leitura de mundo entre outras.

Notamos que o livro didático adotado pela escola proporciona meios para que se trabalhem discussões sobre temas da atualidade, que fazem parte da vida cotidiana de cada aluno, porém isso fora ignorado, tais atividades se concentrava apenas nas leituras orais, que fazem com que os alunos se distanciem da leitura, perdendo assim o gosto de ler, no qual essa oralidade exija deles uma atenção maior no que se refere a uma pronúncia sem erros, fazendo com que os mesmos se distanciem dos significados cognitivos do texto.

Compartilhamos a idéia de que a leitura é um ato interativo e de compreensão de mundo e perseguimos a idéia de que a leitura literária em sala de aula deve favorecer o prazer e a fruição estética. Como nos lembra Antunes (2007, p. 72), “o gosto e o encantamento por esta função poética dos textos literários, como todos os outros gostos e encantamentos, precisam ser cultivados, estimulados, exercitados”.

Percebemos que para formar bons leitores hoje, é imprescindível que se mostre a ele, a beleza da leitura, o que esta pode proporcionar. A leitura deve ainda ser prazerosa e não uma obrigação e um dos caminhos para que isso aconteça é a leitura por fruição.

ANEXOS

William Roberto Cereja • Thereza Cochar Magalhães

PORTUGUÊS

Linguagens

6ª série

LÍNGUA
PORTUGUESA

6ª série

livro
não-consumível



PNLD
2008
2009
2010



FNE
MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

CÓDIGO DO LIVRO: TIPO:
00141C0106 L

VENDA PROIBIDA

AMAZÔNIA

PROGRAMA
RECICLAGE

CLARO TV

CAPÍTULO 1

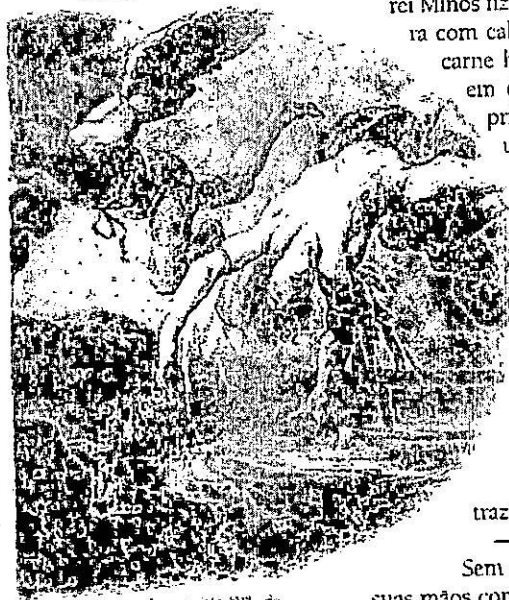
O herói e a conquista do impossível

Quem um dia nunca quis ser herói ou heroína, lutar contra o mal e destacar-se por feitos de coragem e ousadia? Esse desejo humano não é recente. Desde a época do bronze, há quase 3 mil anos, o ser humano já criava histórias fantasiosas de destemidos heróis, como Hércules, Aquiles, Perseu, Ícaro e outros. Para eles, os limites existiam apenas para ser quebrados.

As asas de Ícaro

— Meter-se com reis dá nisto, Ícaro! — dizia o inventor Dédalo, desconsolado, ao seu filho, que o observava.

Superstock



A queda de Ícaro (séc. XVII), de Jan. Peeter Jansz.

Ambos estavam presos no labirinto de Creta, encomenda que o rei Minos fizera ao próprio Dédalo para encerrar o Minotauro, criatura com cabeça de touro e corpo de homem que se alimentava de carne humana. O Minotauro fora derrotado, mas Dédalo caiu em desgraça com o rei, pois foi ele, Dédalo, quem deu à princesa Ariadne o fio que ela entregou a Teseu e que foi usado para ele fugir do labirinto após matar o Minotauro. Minos, que não esperava que Teseu derrotasse o monstro, sentiu-se traído e fez Dédalo provar, junto com o filho Ícaro, um pouco do próprio remédio.

Um dia, Dédalo teve uma idéia:

— Já sei, Ícaro, o que faremos para sair daqui!

Sem dizer mais nada, começou a percorrer o labirinto, acompanhado pelo filho, que o seguia com curiosidade. O jovem sabia que o pai era muito inventivo e que estava sempre com a cabeça cheia de novos projetos. O velho disse:

— Pegue minhas ferramentas e me aguarde.

E saiu em busca de alguma coisa. Quando retornou, trazia muitas penas de aves recém-abatidas.

— O que pretende fazer com todas estas penas, pai?

Sem responder, Dédalo serrou alguns pedaços de madeira. De suas mãos começaram a surgir duas grandes armações, que lembravam o esqueleto de uma asa.

— O que é isto, uma fantasia? — perguntou Ícaro, ao ver o pai colar as penas nas varas de madeira.

— Tudo começa pela fantasia, meu filho... — disse o velho, com ar sonhador.

Em pouco tempo, Dédalo tinha nas mãos um grande e branco par de asas.

— Vamos, filho, me ajude a colocá-las nas costas!

Ícaro ajudou-o, enpoigado pela idéia. Logo que Dédalo colocou as asas, seus pés começaram a se erguer do solo.

— Funcional! — exclamou Ícaro, vendo-o voar.

— Ótimo! Vamos construir uma para você também!

Os dois passaram o resto do dia trabalhando.

— Aqui está a nossa liberdade! — disse o velho, ao colar as últimas penas nas armações.

— Será que poderemos atravessar o oceano com elas?

— Claro! Só devemos cuidar para não nos aproximarmos muito do Sol, pois o calor pode derreter a cera que prende as penas.

No dia seguinte, bem cedo, se dirigiram para uma parte mais aberta do labirinto, cada um carregando suas asas. Ícaro, impaciente para testar a invenção, ajustou as asas às costas e saiu.

— Veja, pai, estou voando! — disse o rapaz, sem conter a euforia.

Deu várias voltas no ar, perdendo aos poucos o medo da altitude. Seu pai também flutuou sobre o labirinto, testando a resistência das asas.

— Basta de preparativos! — disse Dédalo. — Vamos embora!

Pai e filho lançaram-se ao ar, batendo os braços de maneira tão ritmada que pareciam dois pássaros a dividir o azul do céu com as gaivotas, que os observavam, pasmadas. Logo deixaram o labirinto para trás e se viram pairando sobre o mar.

— Não se esqueça do Sol! — dizia de vez em quando Dédalo, ao ver que Ícaro se descuidava, subindo demais.

No começo, os dois lutaram um pouco com as correntes de ar, que lhes roubavam momentaneamente o equilíbrio. Às vezes, o pai buscava apoio nos braços do filho, às vezes, o filho recorria ao auxílio do pai.

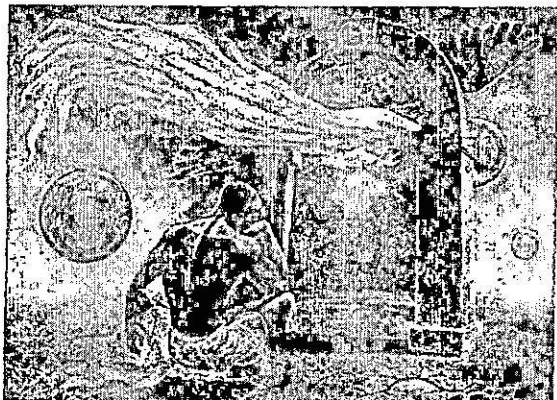
Já haviam deixado há muito tempo a ilha de Creta e agora não havia outro jeito senão mover os músculos com vigor, tentando poupar o fôlego até encontrar terra firme. Dédalo ainda estava deslumbrado com a própria façanha quando percebeu que seu filho havia desaparecido.

— Ícaro, onde está você? — gritou, inquieto.

O jovem, muito distante dali, planava nas alturas. De olhos fechados, lançara-se num vôo cego, para além das nuvens. Ultrapassou a linha dos grandes montes brancos, pairou sobre eles, enquanto o sol arrancava um brilho intenso de suas asas. Parecia que ele era o próprio filho do Sol.

— Queria ficar aqui para sempre! — disse, inebriado de liberdade.

Enquanto agitava as asas, percebeu que uma grande pena roçou o seu nariz. Seus olhos a acompanharam enquanto ela rodopiava pelo espaço sem limites até desaparecer, misturada ao branco das nuvens.



A queda de Ícaro, de M. P. R.

1. Você já ouviu falar de Orfeu? Na mitologia grega, Orfeu era um poeta que encantava a todos com a música que extrai da lira, um instrumento de cordas muito usado na Antiguidade. Conheça, por meio do resumo que segue, uma parte da trágica história de Orfeu.

O mito de Orfeu

Orfeu nasceu nas vizinhanças do Olimpo, freqüentado pelas musas. Ele era excelente poeta, cantor e músico, sendo considerado o inventor da cítara. Passava o dia cantando ao som de sua lira, a qual aumentou de sete para nove cordas.

Seu canto era tão melodioso que, ao ouvi-lo, os homens mais brutais ficavam sensibilizados, as feras mais feroces vinham repousar a seus pés mansamente, os pássaros pousavam nas árvores, os rios suspendiam seu curso e as árvores formavam coros de dança.

Devido a sua fraqueza física, Orfeu participou da expedição dos Argonautas apenas marcando a cadência para os remadores. Durante as tormentas ele abrandava as vagas e tranquilizava a tripulação com seu canto. E, quando as sereias começavam a cantar, Orfeu entoava cânticos mais agradáveis que o delas, livrando os remadores do fascínio.

Orfeu era apaixonado por Eurídice, filha de Apolo. No dia de seu casamento, Eurídice, sua noiva, caminhava pelas margens do rio, quando apareceu Aristeu, que tentou violentá-la. No desespero de se livrar do atacante, ela pisou numa serpente escondida na vegetação e morreu depois de ser picada.

Orfeu julgou que devia procurá-la mesmo entre os mortos. Tomou sua lira e desceu ao inferno.

Jherê Machado, *Literatura e redação*. São Paulo: Scipione, 1994, p. 142-3. Resumo da autora a partir do *Dicionário de mitologia grega e romana*, de Mélio da Gama Kury.



Orfeu e Eurídice, gravura de Von Wella.

Prepare-se para dar continuidade ao mito de Orfeu. Para isso, considere estes fatos:

- No inferno, Orfeu encanta com sua música todos os seres sombrios e monstruosos que lá habitam.
- O herói sensibiliza também os reis do inferno, o deus Hades e sua esposa Perséfone, e consegue permissão para levar Eurídice de volta ao mundo da luz.
- Uma condição é estabelecida por Hades e Perséfone: Orfeu só poderia olhar para sua amada depois de terem saído do inferno.
- O casal dirige-se ao mundo dos vivos, sendo Orfeu seguido a certa distância por Eurídice. Contudo, no momento em que já estão completando o percurso, Orfeu, para certificar-se de que a amada estava por perto, olha para trás e vê Eurídice perder-se para sempre nos abismos do inferno.



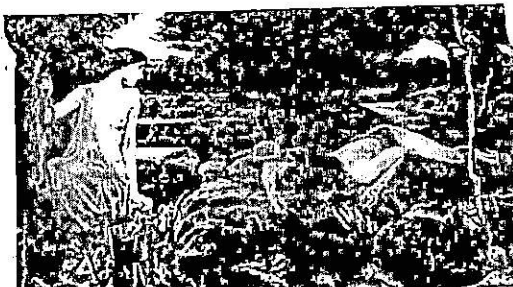
Cena do filme *Orfeu negro*, do cineasta brasileiro Caci Diegues, que transpõe o mito do amor impossível entre Orfeu e Eurídice para a realidade carota do nosso tempo.

Reúna esses fatos, organize-os de modo coerente e redija o final do mito de Orfeu. Para enriquecer a narração, descreva o inferno e as personagens que habitam esse mundo. Inclua diálogos para tornar o texto mais dinâmico. Para ligar os fatos, empregue elementos de coesão como *em seguida*, *por isso*, *então*, *mas*, *entretanto* e outros que forem necessários.

Ao concluir o texto, avalie-o de acordo com as orientações do boxê. Avalie seu mito e altere o que for necessário. Depois, leia seu texto para a classe e ouça o de seus colegas.

2. Leia agora este resumo do mito de Narciso:

O mito de Narciso



Eco e Narciso (1890), de J. W. Waterhouse.

Narciso era um belo rapaz, filho do deus do rio Céfiso e da ninfa Liríope. Por ocasião de seu nascimento, seus pais consultaram o oráculo Tirésias para saber qual seria o destino do menino. A resposta foi que ele teria uma longa vida, se nunca visse a própria face.

Muitas moças e ninfas apaixonaram-se por Narciso, quando ele chegou à idade adulta. Porém, o belo jovem não se interessava por nenhuma delas. A ninfa Eco, uma das mais apaixonadas, não se con-

formou com a indiferença de Narciso e afastou-se amargurada para um lugar deserto, onde desfilhou até que somente restaram dela os gemidos. As moças desprezadas pediram aos deuses para vingá-las.

Nêmesis apiedou-se delas e induziu Narciso, depois de uma caçada num dia muito quente, a debruçar-se numa fonte para beber água. Descuidando-se de tudo o mais, ele permaneceu imóvel na contemplação ininterrupta de sua face refletida e assim morreu. No próprio Hades ele tentava ver nas águas do Estige as feições pelas quais se apaixonara.

(idem, p. 145.)

Com base nesse resumo, recontar o mito de Narciso. Se possível, pesquise mais sobre esse mito em livros de mitologia e na Internet e inclua na história outros elementos e detalhes que julgar convenientes. Além disso, não se prenda à linguagem do texto lido. Utilize suas próprias palavras ao criar seu texto.

Tenha em mente, desde o início, o objetivo desse trabalho e o perfil de seu leitor. Seu texto fará parte de um livro da classe que reunirá histórias sobre heróis de todos os tempos. Será lido por colegas de outras classes e por professores, funcionários, parentes e amigos.

Para dar suspense e conferir maior dinamismo à história, caracterize bem as personagens principais e crie diálogos entre elas.

Quando concluir seu texto, avalie-o de acordo com as orientações do boxe Avalie seu mito. Modifique o que for necessário, até que o texto fique adequado ao gênero.

Avalie seu mito

Observe se o texto transmite um ensinamento, uma lição de sabedoria sobre a beleza ou sobre o amor; se as ações do herói se destacam e se os fatos narrados aconteceram no passado; se o narrador é observador e se a linguagem está de acordo com a variedade padrão e com o perfil dos leitores.

PARA CRIAR O NARRADOR

O NARRADOR

Leia os dois textos a seguir.

LEIA A CONTINUAÇÃO DO TEXTO

Ao longo daquele dia, Dom Quixote viajou inclinado sobre a cabeça do seu cavalo, porque os ossos lhe doíam tanto que não podia endireitar-se. Ao entardecer, apareceu na beira da estrada uma venda, que era o lugar onde se hospedavam os viajantes, e então Sancho disse:



Don Quixote, de Honoré Daumier.

- Alegre-se, senhor, que ali adiante vejo uma venda.
- Dom Quixote levantou a cabeça, olhou ao longe e respondeu:
- Essa não é uma venda, mas um castelo.
- Estou lhe dizendo, senhor, é uma venda.
- É um castelo!
- É uma venda!
- Um castelo!

Passaram nisso um tempão, sem que nem Dom Quixote nem Sancho dessem o braço a torcer. Quando chegaram à venda, estava abarrotada, mas assim mesmo o vendeiro arrumou um par de camas num palheiro para que pudessem passar a noite. Antes de deitar, Sancho bebeu uma garrafa de vinho, e adormeceu que nem uma pedra.

Em compensação, Dom Quixote continuou acordado durante muito tempo, porque havia começado a pensar que naquele castelo vivia uma linda princesa. "Com certeza apaixonou-se por mim ao me ver chegar", dizia para si mesmo, "e essa noite virá confessar-me o seu amor. Mas não posso lhe corresponder, porque o meu coração pertence a Dulcineia."

De tanto pensar, passou mais de três horas de olhos abertos que nem coruja.

De repente, ao bater a meia-noite, ouviram-se passos além da porta do palheiro, e Dom Quixote murmurou:

"Ai, meu Deus! Chegou a princesa!"

(Miguel de Cervantes. *Era uma vez D. Quixote*, cit., p. 41-2.)

Dê uma continuidade a essa história, procurando ser coerente com as características de cada personagem. Se preferir, crie outras personagens, diálogos e lugares. Tente dar um desfecho engraçado à história.

Crie um herói. Se quiser, pode se inspirar num herói que você conhece: por exemplo, um herói clássico, como Aquiles ou Alexandre, ou um herói das novelas de cavalaria medieval, como Lancelote; ou então um herói mais recente, de filmes como *Guerra nas estrelas*, *Senhor dos anéis*, *Matrix* ou outros. Imagine como é o mundo em que esse herói vive: os habitantes, a cidade, os problemas, os vilões, etc. Crie uma aventura para esse herói viver, imaginando antes: qual é o seu objetivo, quais os obstáculos, quem é o vilão, o que tem de fazer para vencer o vilão, que recompensas ganha, etc. Conte essa história e, se possível, invente um final surpreendente para ela.



Cena de *Guerra nas estrelas*.

Quando concluir os textos, troque-os com um colega, de modo que um leia o texto do outro e faça sugestões. Modifique o que for necessário, passe os textos a limpo e guarde-os para publicar no livro sobre heróis de todos os tempos que você e seus colegas produzirão no capítulo Intervalo.

história sobre Iobias, inventada por Luis Fernando Veríssimo e que servirá como o trampolim para as nossas reflexões iniciais.

Não sei como se chamaria o medo de não ter o que ler. Existem as conhecidas claustrofobia (medo de lugares fechados), agorafobia (medo de espaços abertos), acrofobia (medo de altura), colofobia (medo do que ele pode nos aprontar agora) e as menos conhecidas ailurofobia (medo de gatos), iatrofobia (medo de médicos) e até treiskaidecafobia (medo do número treze), mas o medo de estar, por exemplo, num quarto de hotel, com insônia, sem nada para ler não sei o nome que tem. É uma das minhas neuroses. O vício que lhe dá origem é a gutembergomania, uma dependência patológica da palavra impressa. Na falta dela, qualquer palavra serve. Já saí da cama de hotel no meio da noite e entrei no banheiro para ver se as torneiras tinham "Frio" e "Quente" escritos por extenso, para saciar minha sede de letras. Já ajeitei o travessão, ajustei a luz e abri a lista telefônica, tentando me convencer que, pelo menos no número de personagens, seria um razoável substituto para um romance russo. Já revirei cobertores e lençóis, à procura de uma etiqueta, qualquer coisa.

Alguns hotéis brasileiros imitam os americanos e deixam Bíblia no quarto, e ela tem sido a minha salvação, embora não no modo pretendido. Nada como um *best-seller* numa hora dessas.

A Bíblia tem tudo para acompanhar uma insônia: enredo fantástico, grandes personagens, romance, o sexo em todas as suas formas, ação, paixão, violência – e uma mensagem positiva. Recomendo "Gênesis" pelo ímpeto narrativo, O "cântico dos cânticos" pela poesia e "Isaías" e "João" pela força dramática mesmo que seja difícil dormir depois do "Apocalipse".

Mas, e quando não tem nem a Bíblia? Uma vez liguei para a telefonista de madrugada e pedi uma *Amiga*.

– Desculpe, cavalheiro, mas o hotel não fornece companhia feminina...

– Você não entendeu! Eu quero uma revista *Amiga*, *Capricho*, *Vida Rotária*, qualquer coisa.

– Infelizmente, não tenho nenhuma revista.

– Não é possível! O que você faz durante a noite?

– Tricô.

Uma esperança!

– Com manual?

– Não.

Danação.

– Você não tem nada para ler? Na bolsa, sei lá.

– Bem... Tem uma carta da mamãe.

– Mandal!

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Como ensinar o prazer de ler. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo, suplemento Sinapse, 30/3/2004.

ANTUNES, Irandé. Aula de Português. Encontro e Interação. Assumindo a dimensão interacional da linguagem. São Paulo. Parábola. 2003.

BRITTO, Luis Leme Percival. Formação do Leitor. 1ªed. Rio de Janeiro, 1999.

CAMPOS, Maria Inês Batista. Ensinar o prazer de ler. Editora Olho d'Água. São Paulo. 1999.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil: teoria e prática. 18. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 23ª. Ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GERADI, João Wanderley (org.) O texto na sala de aula. São Paulo. Ática. 2001.

_____. O texto na sala de aula. 2 Ed. São Paulo. Pontes. 1999.

HENRIQUES, Cláudio César e PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. (Org.). Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos. São Paulo: Contexto, 2002.

HOUAISS, Antônio. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIMAN, Ângela (1995a). Texto e leitor. 4ª ed. Campinas: Pontes.

_____. Oficina de leitura. Campinas: Pontes. (1995b).

LAJOLO, Marisa. Literatura: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

_____. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2002.

NEITZEL, Adair de Aguiar e DUARTE, Blaise Keniel da Cruz. *POESIA NA ESCOLA: educação para a fruição estética*. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss01_05.pdf

PENNAC, Daniel. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

POSSENTI, Sírio. Pragas da leitura. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p027-033_c.pdf

SILVA, Ezequiel Theodoro da, Conferências sobre leitura – trilogia pedagógica. – Campinas, SP: Autores Associados, 2003. Coleção Linguagens e sociedade).